

MOBILIDADE DEMOGRÁFICA NUMA CIDADE PORTUÁRIA. A MATRIZ DA HORTA ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XX*

MARIA NORBERTA AMORIM**

1. INTRODUÇÃO

Propondo-me estudar a Matriz da Horta entre os séculos XVIII e XX na sua mobilidade demográfica, a complexidade das questões só me permitiu uma aproximação ao objectivo inicial, embora considere a reflexão desenvolvida de grande importância para o prosseguimento da minha própria investigação sobre espaços urbanos.

Já partia de premissas a que o estudo sobre Guimarães (1985) me tinha conduzido. Sabia que não era consequente estudar apenas uma freguesia inserida num meio urbano mais vasto. Sabia que não era consequente estudar uma cidade sem considerar o seu enquadramento rural.

Mesmo considerando que as três freguesias da Horta estão *reconstituídas* (Matriz, Angústias e Conceição), e que o meio rural envolvente, 10 outras freguesias da ilha do Faial e 17 da ilha do Pico, caminham para essa reconstituição, existem factores perturbadores da análise a impedir uma visão clara da evolução plurissecular.

Os mais complexos desses factores são certamente a Mobilidade, que se agrava numa cidade portuária, e a centralização administrativa no abandono de crianças.

Partimos de um patamar de alguma solidez que se foi sedimentando ao longo dos últimos anos. Projectos apoiados pela FCT, pela Direcção Regional da Cultura do Governo dos Açores e por Municípios do Pico e do Faial permitiram a formação

* Investigação desenvolvida no âmbito do projecto «Espaços urbanos: dinâmicas demográficas e sociais (séculos XVII-XX)», com referência PTDC/HIS-HIS/099228/2008, co-financiado pelo orçamento do programa COMPETE – Programa Operacional Factores de Competitividade na sua componente FEDER e pelo orçamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia na sua componente OE.

** CITCEM-GHP.

de bases de dados paroquiais desde os primeiros registos de baptizados, casamentos ou óbitos que chegaram até nós (mormente desde os finais do século XVII) até ao início do século XX, e mesmo, em alguns casos, até finais desse mesmo século.

Dessa base de dados podemos extrair informação imediata em termos da evolução do volume de actos no período em causa, incluindo a incidência nas crises de mortalidade. Além das séries vitais, podemos mesmo estudar a evolução de indicadores demográficos importantes, como a idade média ao primeiro casamento, o celibato definitivo, ou as taxas de fecundidade legítima por grupos de idade da mulher. A análise da mortalidade exige uma mais demorada abordagem.

Aqueles são resultados certamente interessantes para o historiador demógrafo, mas o objectivo final, a compreensão do ritmo de evolução de uma população à luz da interinfluência dos fenómenos demográficos continua a ficar comprometido. Integrar a mobilidade nesse contexto exige analisar um fenómeno que predominantemente nos escapa. Integrar no quadro reprodutivo o volume de recém-nascidos abandonados, quando essas crianças aparecem numa roda sedada numa única freguesia que se abre a uma ilha, e, embora em menor escala, a uma outra ilha, será certamente um desafio ainda maior.

Havendo a possibilidade do estudo da actual cidade da Horta, a opção pela Matriz, uma das suas três freguesias, embora a maior e mais central das mesmas, foi já uma opção de facilidade. Não se preservaram da mesma forma para todas as freguesias urbanas as fontes que se vão revelando de maior importância na perspetivação dos quadros sociais. É sobre a freguesia da Matriz que dispomos de maior volume de fontes de ordem sociológica, embora predominantemente para o século XIX. Por outro lado, cruzar de forma sistemática bases de dados demográfico-genealógicas com Mapas de Dízimos ou das Matrizes Prediais, Róis de Confessados de vários períodos ou ainda Recenseamentos Eleitorais, para uma população como a da Matriz que se coloca nos 3000 habitantes, comporta exigências em termos metodológicos e de tempo de investigação que nos limitam.

A opção foi calcular para a Matriz, em observação longitudinal, indicadores demográficos menos complexos, concretamente a evolução dos actos vitais, incluindo o baptismo de expostos, a idade média ao primeiro casamento, as taxas de fecundidade legítima por grupos de idades da mulher e o celibato definitivo.

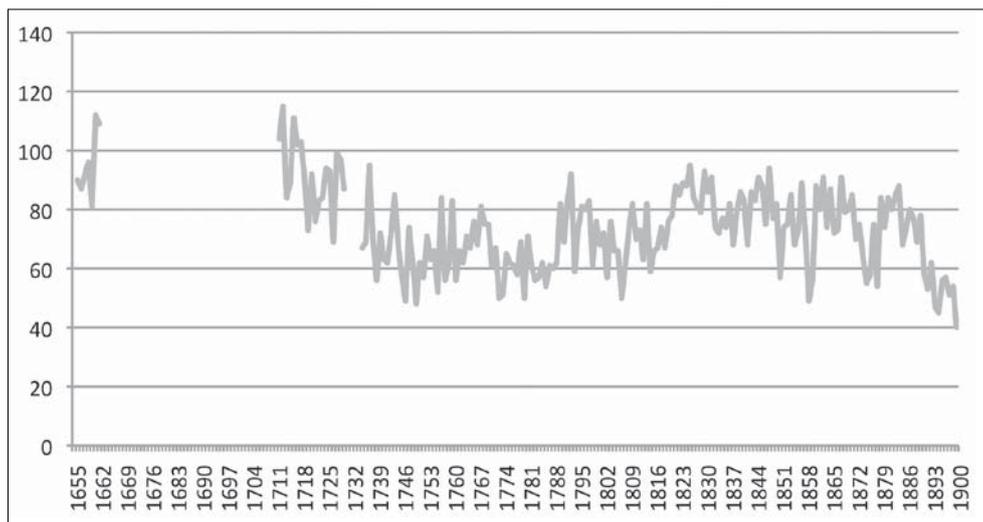
Para visualizar a estrutura demográfica da população a opção foi situar, na evolução plurissecular, um momento particular, o final da monarquia absoluta (1832) para contrastar com a situação vivida passado meio século sob regime liberal (1883).

Dispomos de uma circunstanciada lista de habitantes para a primeira data e de um rol de confessados para a segunda, passível este de ser cruzado com um Mapa estatístico decorrente da Matriz Predial da freguesia desse mesmo ano de 1883.

2. EVOLUÇÃO DOS ACTOS VITAIS

Embora os primeiros registos de baptizados da Matriz da Horta se iniciem em meados do século XVII, a crítica da fonte indica-nos que só nos primeiros sete anos de observação dispomos de dados seguros, seguindo-se um período de manifesto sub-registo de actos só ultrapassado num já entrado século XVIII. Pela observação desses sete anos iniciais e do período que se segue a 1712, parece deprender-se que só para a segunda metade do século XVII a média de baptizados por ano, com progenitor ou progenitores conhecidos, poderá ter-se aproximado ou mesmo ultrapassado a centena. O século XVIII foi um período de retracção, com uma média anual de baptizados à volta de 65. No primeiro quartel do século XIX esse volume já se superioriza a 70, colocando-se acima de 80 no 2º quartel, para descer para valores à volta de 75 no terceiro quartel, situando no final do século em valores abaixo dos 70 nascimentos por ano.

Gráfico I – Baptizados na Matriz, excluindo os expostos



A evolução detectada não é muito dispare da encontrada para as freguesias mais antigas do Pico, como é o caso da Prainha, no Norte da ilha, onde o maior volume histórico de baptizados se situou nos finais do século XVII. As freguesias mais jovens dessa ilha incrementaram-se no século XVIII, predominantemente para o final desse século, crescendo fortemente nas primeiras quatro décadas do século seguinte. O abaixamento drástico do volume de baptizados na segunda metade do século XIX afectou todas as freguesias do Sul do Pico, como é o caso da Candelária, cujo estudo estamos a organizar.

Gráfico II – Prainha – ilha do Pico (Evolução dos baptizados)

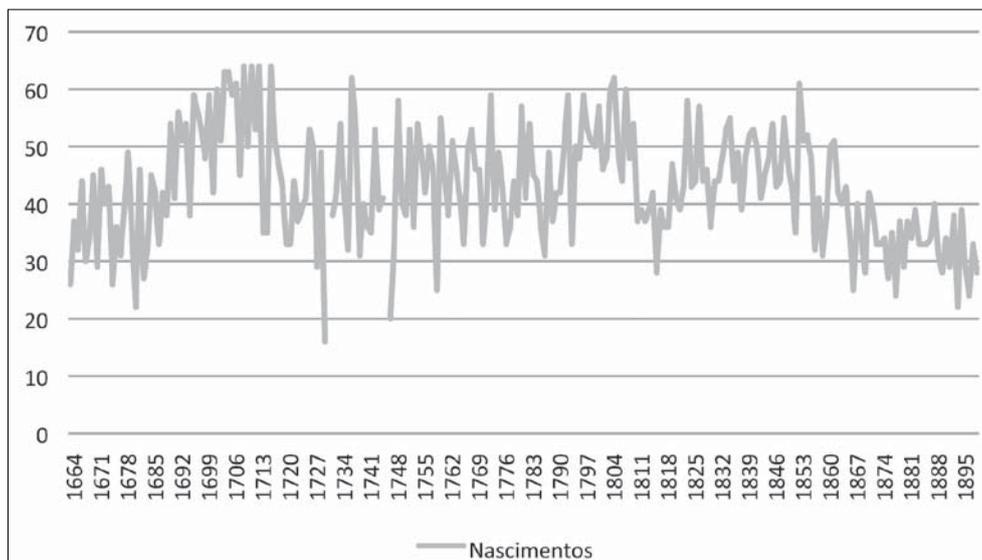
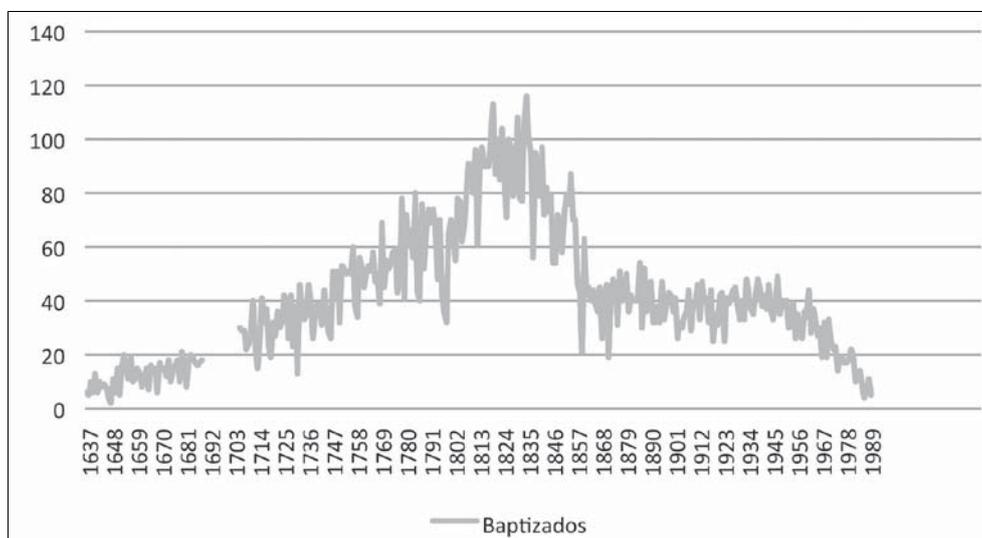


Gráfico III – Candelária – ilha do Pico (Evolução dos baptizados)



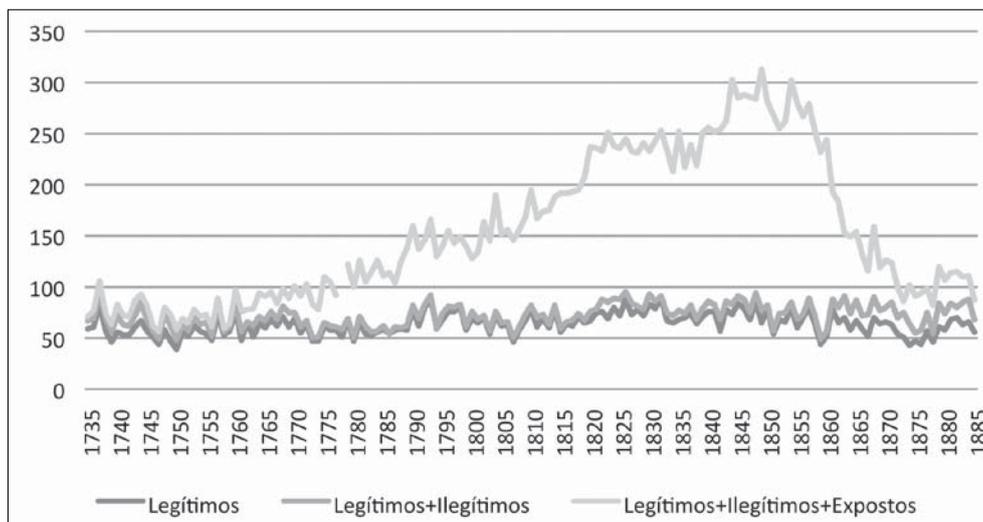
Como se verifica, na cidade, a oscilação dos baptizados foi menos nítida, tanto em fase de crescimento como principalmente no decréscimo, podendo ter sido factor estabilizador o acolhimento dos imigrantes de outras ilhas em trânsito para destinos ultramarinos, mas também um fenómeno de rejeição, o abandono de recém-nascidos.

3. DADOS SOBRE EXPOSTOS

Entendo que o estudo da exposição de crianças numa ilha pode trazer-nos resultados jamais conseguidos num continente e esse é um projecto recorrente na minha investigação. Neste contexto não cabe o aprofundamento desse tema, demasiado complexo, mas tão só uma abordagem tendente à sua inter-relação com outros fenómenos aqui em análise.

A partir de 1738 começa a ser referida na Matriz a roda dos enjeitados, muito antes da sua institucionalização por Pina Manique em 1783. Vejamos a evolução dos baptizados na Matriz, legítimos, Legítimos+ Ilegítimos e Legítimos+Ilegítimos+Expostos, entre 1735 e 1885, para visualizar a importância do abandono numa pequena ilha como o Faial.

Gráfico IV – Matriz da Horta
Evolução de baptizados legítimos, ilegítimos e expostos



Se somarmos as crianças da roda, baptizadas na Matriz, às crianças com mãe ou pais conhecidos, vemos, entre o último quartel do século XVIII e o final da nossa observação, triplicar o volume de baptizados. Enquanto nos finais do século XVIII o número médio anual de expostos se colocava nos 63, no primeiro quartel do século seguinte passou para 113, subindo no segundo quartel para 170, para colocar-se nos 195 entre 1850 e 1860, ultrapassando em alguns anos deste período as duas centenas. A queda abrupta do volume de expostos nos finais da década de 1850 terá a ver com as políticas desenvolvidas pelo Governo Civil no sentido de fiscalizar de perto os ventres das mulheres solteiras, investigar sobre a origem

dos expostos, entregando-os sempre que possível aos pais e subsidiando as mães carentes, a evitar o abandono. Repare-se na subida do volume de filhos ilegítimos a partir da década de 1860.

Tanto os assentos de baptizados nos livros sacramentais como os assentos nos livros de entradas de expostos na Câmara da Horta limitam-se, quase sempre, à informação sobre o nome da criança, datas de abandono e baptismo, com o nome do baptizante, e a identificação da ama que os acolhe. No entanto, no caso dos livros da Câmara, indica-se à margem se a criança faleceu e, em grandes períodos de observação, a data desse falecimento. O assento acrescenta-se com eventuais indicações sobre a entrega à mãe, passagem de uma ama para outra e/ou sobrevivência da criança aos quatro anos de idade.

Temos como certo que as crianças baptizadas na Matriz eram da responsabilidade da própria ilha. As expostas no Pico, embora a partir dos finais da década de 1850 as rodas dos três concelhos funcionassem como rodas de passagem, sendo as crianças remetidas para a roda da Horta, eram primeiro baptizadas naquela ilha, conforme se depreende dos Relatórios do Governador Civil do período.

Aliás a exposição no Pico tinha muito menos significado. Seguindo Carlota Santos, a percentagem de expostos no concelho da Madalena, relativamente ao volume de baptizados, evoluiu de 1% em meados do século XVIII para 9% nos anos centrais do século XIX, baixando entre 1860 e 1879 para 6%.

Entre 1840 e 1859, o período de maior acuidade do fenómeno, encontramos 28 enjeitados por ano no concelho da Madalena, o concelho onde o fenómeno mais se agudizava, quando nos livros de entrada dos expostos na Câmara da Horta, para o mesmo período, encontramos 195 (SANTOS, 2008: 128-130).

Sabendo-se que em meados do século XIX a população da ilha do Faial somava cerca de 24.000 habitantes, poderemos calcular, para o conjunto das 13 freguesias, uma taxa de abandono, por defeito, a tender para 8 crianças em cada mil nascidas (não estamos a contar as crianças abandonadas eventualmente recolhidas por particulares). É de supor a desigualdade de distribuição dessa permilagem entre as 3 freguesias urbanas e as 10 rurais.

Embora pensemos que tenham sido predominantemente responsáveis pelo abandono a população urbana ou população rural atraída para a cidade, o crescimento da Matriz da Horta não contava com grande acréscimo por via das crianças abandonadas na roda. Não só porque a maioria das amas era originária de freguesias rurais, mas principalmente pela gravíssima mortalidade dessas crianças.

Durante o primeiro meio século de funcionamento da roda, contabilizámos a permilagem de crianças ao cuidado da Câmara da Horta cujo falecimento foi registado no livro de entradas e acompanhamento dos expostos.

Foram muito escassos os casos registados de crianças que sobreviveram aos quatro anos dentro da instituição (de quatro anos, só nos finais da década de 1850 o tempo de criação passou para 7 anos). Nos primeiros vinte anos de funcionamento da roda, num total de 1204 expostos, sabemos que sobreviveram aos 4 anos, 32 crianças, menos de 3%, embora aconteça, para alguns casos, não haver qualquer informação posterior ao registo de entrada. É mais significativo o número de crianças entradas na roda e posteriormente entregues às mães, situação que se vai tornado mais frequente para os finais do século XVIII e seguinte. A percentagem de crianças entradas na roda e dadas como falecidas na instituição atingiu, ao longo da observação, percentagens a oscilar entre 84% num primeiro momento e 69%, no final. Pelos Relatórios do Governador Santa Rita sabemos que a relação entre os mortos e o movimento total da roda foi de 1 morto por 3,41 no ano económico de 1855-1856, de 1 para 2,68 no ano económico de 1860-1861, passando a 1 para 4,59 no ano económico de 1862-1863, altura em que já seriam visíveis as novas políticas em relação aos expostos.

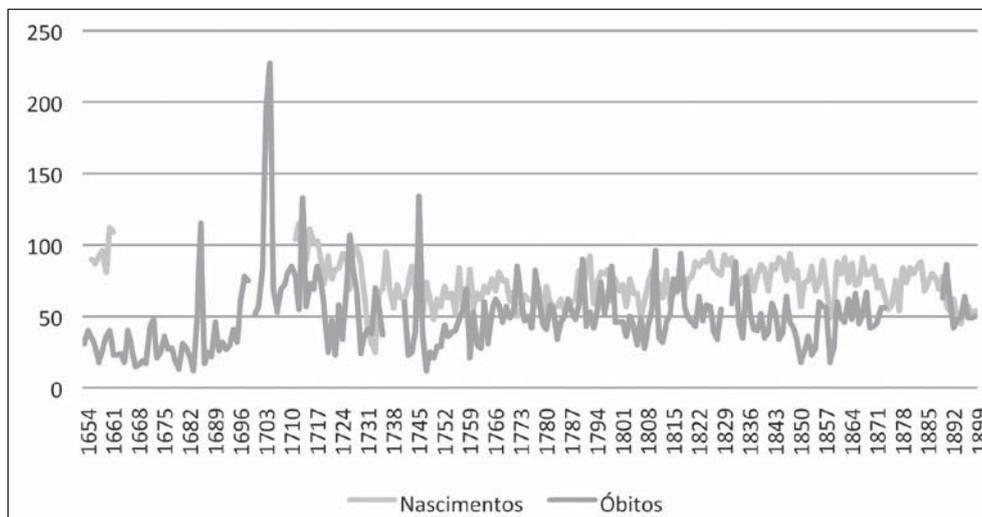
Não beneficiando, em termos de crescimento, a freguesia da Matriz da afluência à roda de crianças abandonadas, também não foi afectada, no período de agudização do fenómeno, por crises de mortalidade, o que aconteceu no Pico com a entrada da varíola. Apenas no início do século XVIII detectamos uma epidemia de maior gravidade, com um outro pico em meados do século. Admitimos que a entrada da varíola tenha sido mais precoce na cidade portuária e que outras epidemias tenham sido evitadas, tal como no Pico o foram.

Quadro I – Óbito de expostos (1779-1813)

Períodos	Entrados na roda	Falecidos na instituição	% de falecidos
1779-1784	330	277	84
1785-1789	293	238	81
1790-1794	354	274	77
1795-1799	348	255	73
1800-1804	412	288	70
1805-1809	463	345	75
1810-1813	423	291	69

Ao longo do século XVIII o volume de crianças baptizadas não abandonadas equilibra-se com os óbitos, só se detectando saldos fisiológicos mais marcadamente positivos na primeira metade do século XIX.

Gráfico V – Baptismos de não expostos e óbitos



Por esse equilíbrio entre nascimentos e óbitos na Matriz, quando cresce a população da maior parte das freguesias da vizinha ilha, podem ser fortemente responsáveis a mobilidade e o abandono de recém-nascidos, mas outros factores poderão ter contribuído para o efeito, como restrições no plano da nupcialidade a condicionar a fecundidade dentro do casamento.

Vejam os alguns resultados nestes campos.

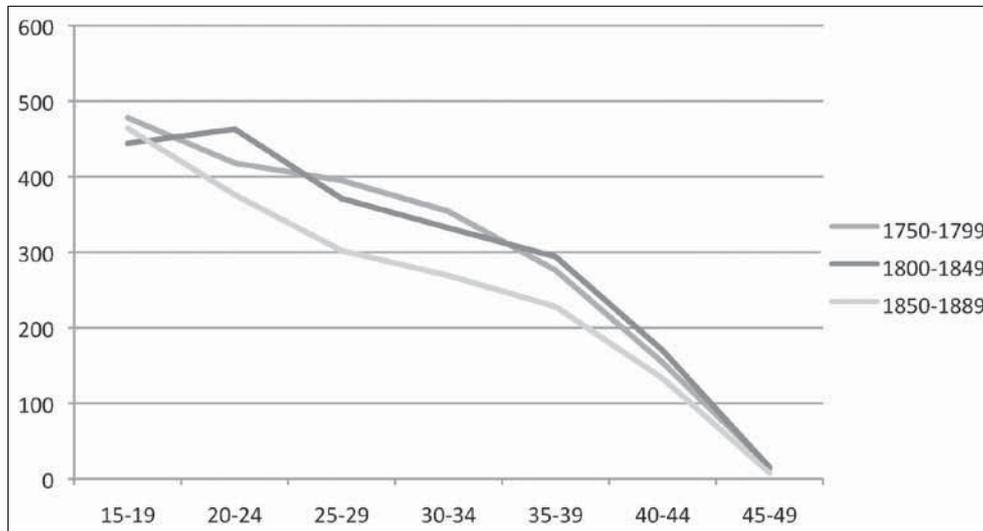
4. DADOS SOBRE A FECUNDIDADE

Escolhendo as famílias estáveis podemos calcular as taxas de fecundidade legítima por grupos de idades da mulher e a descendência teórica, como indicador sintético.

Quadro II – Taxas de Fecundidade Legítima por grupos de idade da mulher

Períodos	Grupos de idades da mulher							D.T..	Obs.
	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49		
1750-1799	478	418	395	354	276	154	16	10,4	161
1800-1849	444	463	371	332	294	170	15	10,4	121
1850-1889	464	376	302	269	228	133	8	8,9	56

Gráfico VI – Taxas de Fecundidade Legítima por grupos de idade da mulher



A observação da tabela e gráfico respectivo parece indicar um comportamento restritivo já na segunda metade do século XIX, o que pode reflectir a entrada de hábitos contraceptivos colhidos pelos emigrantes retornados dos Estados Unidos da América. Já havíamos observado alguma contracepção no Pico nos finais desse século, mas muito mais moderada, embora o volume de observações, na Matriz, para o último período, não seja confortável.

5. DADOS SOBRE A NUPCIALIDADE

Quadro III – Idade média ao primeiro casamento

Períodos	Homens		Mulheres	
	Idade média	Obs.	Idade média	Obs.
1750-1799	27,6	293	25,9	354
1800-1849	28,1	326	25,0	415
1850-1899	28,8	386	24,7	491

Encontramos na Matriz, como já havíamos encontrado na vizinha ilha, casamento tardio, mais tardio no sexo masculino do que no feminino, mas a evolução do comportamento não segue o padrão encontrado no Pico.

Verifica-se na Matriz, no caso dos homens, que a idade média ao primeiro casamento sobe sempre ao longo dos três períodos de meio século, enquanto, no caso das mulheres, o comportamento é inverso. Em todas as freguesias do Pico observadas a incidência na época de Oitocentos dos fenómenos migratórios fez altear a idade média ao primeiro casamento, tanto no caso dos homens como das mulheres. Na Prainha, na segunda metade do século XIX, a idade média ao primeiro casamento feminino colocou-se entre os 29 e os 30 anos. Embora com valores mais moderados ao longo de Oitocentos, na Candelária, nas décadas de 1860 e 1870, a idade média ao primeiro casamento feminino atingiu os 29 anos.

O trânsito de gente na cidade portuária terá sido factor de maior estabilização de comportamentos na idade ao casar, mas parece ter limitado em muito a esperança de algum dia esse casamento se efectuar.

Quadro IV – Celibato definitivo

Períodos	Homens			Mulheres		
	Óbitos 50 e mais anos	Solteiros 50 e mais anos	Celibatários %	Óbitos 50 e mais anos	Solteiras 50 e mais anos	Celibatárias %
1750-1799	504	118	23,4	696	239	34,3
1800-1849	427	104	24,3	700	339	48,4
1850-1899	310	60	19,4	500	246	49,2

Como se verifica, o celibato definitivo foi muito frequente na Matriz, tanto no sexo masculino como no feminino. Pouco mais de 50% das mulheres que faleceram com 50 ou mais anos na última metade do século XIX haviam sido casadas. A situação fora mais favorável na segunda metade do século anterior, em que a percentagem de definitivamente celibatárias se colocou nos 34%. Entre os homens, na segunda metade do século XIX, houve mais frequente acesso ao casamento, mas, mesmo assim, com valores próximos dos 20%.

6. DADOS SOBRE A MOBILIDADE

O desenraizamento de parte dos residentes e a necessidade de manter estatuto, no caso de famílias estáveis, poderão ter contribuído para este resultado muito penalizador em termos da renovação das gerações urbanas.

A chegada à cidade de gentes do exterior, indivíduos isolados ou famílias jovens, poderia funcionar como factor estabilizador da população que não se auto-renovava.

Nesse sentido, identificámos a naturalidade dos defuntos para os três meios séculos que antecederam o século XX.

MOBILIDADE DEMOGRÁFICA NUMA CIDADE PORTUÁRIA.
A MATRIZ DA HORTA ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XX

Quadro V – Naturalidade dos falecidos na Matriz

Naturalidade	1750-1799		1800-1849		1850-1899	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Horta – Matriz	1199	64	1112	59	954	59
Horta – outras freg.	93	5	121	6	151	9
Faial – freguesias rurais	204	11	100	5	91	5
Pico	204	11	276	15	275	16
Flores	44	2	51	3	19	
Corvo			1			
Terceira	48	2	36	2	25	1
S. Jorge	26		46	2	27	2
Graciosa	8		7		15	
S. Miguel	19		11		19	
Santa Maria	1		1		1	
Madeira	3		3		1	
Continente português	14		25	1	29	2
Brasil	3		5		10	
Estados Unidos			1		2	
Inglaterra	6		1		2	
França	2				1	
Espanha	2				4	
Itália			2			
Total	1939		1876		1725	
Sem identificação	668		638		202	
TOTAL GERAL	2607		2514		1927	

Não identificamos pela naturalidade 34% dos indivíduos falecidos na Matriz no primeiro e segundo períodos e 12% no último período. Dos identificados, sabemos que o maior peso era de nascidos na própria Matriz, à volta de 60%, mas que aqui acorriam indivíduos, não só das outras freguesias do Faial e do Pico, mas de todas as outras ilhas dos Açores, da Madeira, do Continente Português, do Brasil, dos Estados Unidos, da Inglaterra, França, Espanha e Itália, embora com fraco peso percentual.

Com algum peso percentual, fora do Faial e do Pico, contamos os florentinos e terceirenses no primeiro período, os florentinos, terceirenses, jorgenses e continentais no segundo, e os terceirenses, jorgenses e continentais, no terceiro período.

Verificamos depois alguma mudança na atracção para a Matriz, se considerarmos o conjunto das freguesias urbanas e rurais do Faial e as freguesias do Pico. Enquanto

no primeiro período só 5% dos naturais das outras freguesias urbanas, Conceição ou Angústias, vieram falecer à Matriz, no último período a percentagem subiu para 9%. Em contrapartida, foi-se limitando o acesso de indivíduos das freguesias rurais da ilha. A percentagem de naturais da ilha do Pico passou de 11% no primeiro período para 16% no último, ultrapassando mesmo a percentagem de óbitos na Matriz de indivíduos nascidos no conjunto das outras freguesias do Faial.

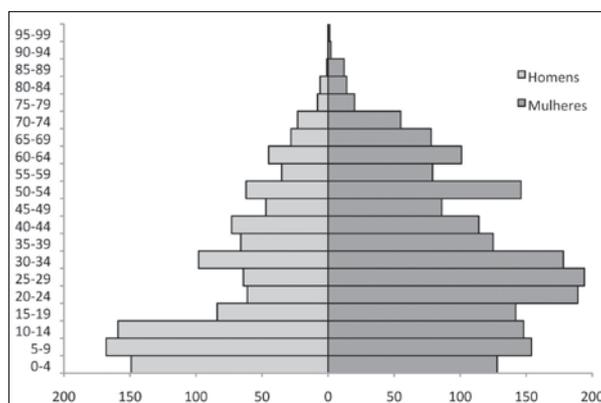
A observação transversal, para os dois momentos atrás referidos, 1832 e 1883, pode permitir-nos um maior aprofundamento das vivências urbanas.

7. ESTRUTURA DA POPULAÇÃO – 1832 E 1883

Como se verifica através dos gráficos e quadros seguintes, os quantitativos populacionais da Matriz da Horta mantiveram-se praticamente estáveis ao longo de meio século, a aproximar-se dos 3200 habitantes, com um crescimento médio de 0,03% ao ano. Numa relação de grande desequilíbrio entre os sexos nos dois momentos, repare-se que em 1832 os grupos etários mais afectados foram os dos 20 aos 29 anos, com menos de 33 rapazes para 100 raparigas, enquanto em 1883 foram os indivíduos entre os 45 e os 54 anos os mais afectados, com valores à volta dos 42 em 100. Admitimos que as alterações nas relações de masculinidade numa e noutra data se relacionem directamente com comportamentos de mobilidade diferencial (as mulheres para finais do século passaram a integrar mais persistentemente os surtos emigratórios), à semelhança do que encontramos nos trabalhos já efectuados sobre a vizinha ilha do Pico.

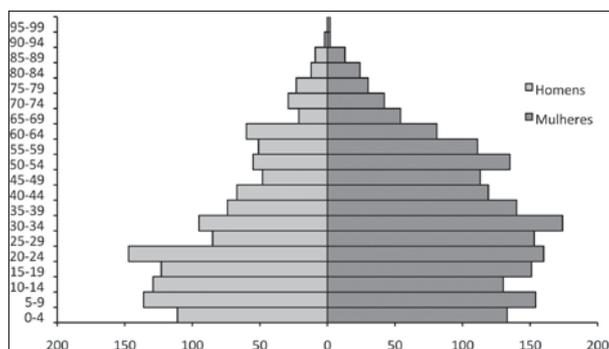
Repare-se também que na lista de 1832 ainda figuravam os recolhidos em conventos, com 55 homens, entre frades e criados nos conventos masculinos, e 202 mulheres, entre freiras e criadas, nos conventos femininos.

Figura I – Estrutura da População em 1832



MOBILIDADE DEMOGRÁFICA NUMA CIDADE PORTUÁRIA.
A MATRIZ DA HORTA ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XX

Figura II – Estrutura da População da freguesia da Matriz em 1883



Quadro VI – Estrutura da População da freguesia da Matriz em 1832 e 1883

Grupos de idades	Sexos Reunidos		Sexo Masculino		Sexo Feminino		Relação de Masculinidade		
	1832	1883	1832	1883	1832	1883	1832	1883	
0-4	277	243	149	111	128	133	112	84	90
5-9	322	290	168	136	154	154	109	88	
10-14	307	258	159	129	148	130	107	99	
15-19	226	274	84	123	142	151	59	82	60
20-24	250	313	61	153	189	160	32	96	
25-29	258	238	64	85	194	153	33	56	
30-34	276	269	98	95	178	174	55	55	
35-39	191	214	66	74	125	140	53	53	
40-44	187	186	73	67	114	119	64	56	
45-49	133	161	47	48	86	113	55	43	
50-54	208	190	62	55	146	135	42	41	
55-59	114	161	35	51	79	111	44	46	57
60-64	146	140	45	60	101	81	45	74	
65-69	106	75	28	21	78	54	36	39	
70-74	78	71	23	29	55	42	42	69	
75-79	28	52	8	23	20	30	40	77	
80-84	20	36	6	12	14	24	43	50	
85-89	13	22	1	9	12	13	8	69	
90-94	2	4	0	2	2	2	0	100	
95-99	1	2	0	0	1	2	0	0	
Total	3143	3199	1177	1278	1966	1921	57	67	

O quadro da distribuição dos grupos funcionais nos dois momentos, tendo em contraponto o último ano censitário (2001), permite-nos uma visão mais sintética.

Quadro VII – Grupos funcionais

Grupos funcionais (anos)	Homens			Mulheres			Sexos reunidos		
	1832	1883	2001	1832	1883	2001	1832	1883	2001
	Números								
Menores de 15	476	376	263	430	417	249	906	791	512
15-64	635	811	795	1354	1337	855	1989	2146	1650
65 e mais	66	96	145	182	167	232	248	262	377
total	1177	1283	1203	1966	1921	1336	3143	3199	2539
	Porcentagens								
Menores de 15	40,4	29,3	21,9	21,9	21,7	18,6	28,8	24,7	20,2
15-64	54,0	63,2	66,1	68,9	69,6	64,0	63,3	67,1	65,0
65 e mais	5,6	7,5	12,0	9,2	8,7	17,4	7,9	8,2	14,8
total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Se comparamos as duas datas do século XIX, sexos reunidos, verificamos que a maior mudança parece ter-se verificado numa redução da percentagem dos menores de 15 anos, que passaram de 29% para 25% do total de residentes. Entre os maiores de 65 anos, a melhoria não foi significativa, com valores à volta de 8%, numa e noutra data.

Se considerarmos depois a situação relativa dos homens e das mulheres para 1832 e 1883, verificamos que há diferenças muito significativas entre rapazes e raparigas menores de 15 anos, com uma desproporção maior entre os sexos para o ano de 1832, como se a cidade atraísse mais crianças e adolescentes do sexo masculino. Repare-se que nessa data 40% dos residentes se enquadravam nesse grupo etário.

Entre os «velhos», em 1832, a percentagem de homens é bastante inferior à das mulheres, diferenças que se atenuam em 1883.

NOTA FINAL

A formação de uma base de dados demográfico-genealógica integrando as freguesias do Faial e Pico está dentro dos nossos horizontes mais próximos.

Neste momento só podemos perspectivar as potencialidades de uma base de dados desse tipo, no que concerne à relação demográfica entre campo e cidade num micro-cosmo muito especial, o das ilhas.

BIBLIOGRAFIA SUCINTA

- AMORIM, Maria Norberta (2008) – *O Pico. A abordagem de uma ilha*. Vol. I – *As Famílias*, Tomo V – *As famílias da Prainha nos finais do século XIX*. Município de S. Roque do Pico: NEPS.
- ARRUDA, Luís M. (2007) – *Toponímia da Freguesia da Matriz da Horta*. Horta: Junta de Freguesia da Matriz.
- BANDEIRA, Mário Leston (1996) – *Demografia e Modernidade. Família e transição demográfica em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- LIMA, Marcelino (1943) – *Anais do Município da Horta*. 3ª ed. Vila Nova de Famalicão: Oficinas Gráficas Minerva.
- ROCHA, Gilberta P. N. (1991) – *Dinâmica Populacional dos Açores no século XX. Unidade, permanência, diversidade*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- SANTOS, Carlota (2008) – *Biodemografia do Concelho da Madalena. Estrutura demográfica e genética de uma população açoriana da Ilha do Pico*. Câmara Municipal da Madalena: NEPS.

